



## **Gênero, esporte e ciência: a escassez de pesquisas sobre as mulheres no rádio esportivo maranhense<sup>1</sup>**

Ananda Kallyne Muniz PORTILHO

(Universidade Federal do Maranhão/ UFMA)

Os relatos históricos que silenciam a contribuição das mulheres para o rádio brasileiro vêm sendo questionados com mais veemência – e de forma científica – há menos tempo do que se imagina. Betti (2021) identificou que a dissertação de Ediane Mattos (2019), em nível de pós-graduação, foi o primeiro trabalho com enfoque na atuação feminina no rádio esportivo brasileiro. A pesquisa “A trajetória das profissionais mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina” mapeou as pioneiras do rádio esportivo catarinense, bem como os cargos que ocuparam e em que território geográfico atuaram. Dois anos depois, em 2023, a pesquisadora Juliana Gobbi Betti se uniu à Zuculoto para propor uma revisão do relato histórico da participação feminina no rádio do Brasil, incentivando novas pesquisas como forma de combater o memoricídio (Duarte, 2020) que silenciou a contribuição de mulheres para o rádio brasileiro. Nesse contexto, este resumo expandido apresenta e discute a escassez das pesquisas com recorte de gênero no rádio esportivo maranhense a partir dos estudos exploratórios (Lakatos; Marconi, 2003) realizados durante o Estado da Arte da dissertação da autora, com o objetivo de mapear os trabalhos produzidos e publicados na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e nas edições nacionais e regionais dos quatro congressos de comunicação com maior expressividade no Brasil: Alcar, Intercom, SBPJor e COMPÓS, no período de 2012 a 2024.

---

<sup>1</sup> Resumo expandido apresentado no GP Produção Científica, no III Encontro Regional Nordeste de Ensino de Jornalismo (Erejour Nordeste).



Recentemente, a Revista Mediação (FUMEC) publicou o dossiê “Comunicação e Esporte: Tradições e Disforias” com o resultado completo do mapeamento supracitado neste trabalho. O artigo “Presença feminina no rádio esportivo brasileiro: um mapeamento científico (2012-2014), de autoria de Portilho e Britto (2025) traçou um panorama sobre as produções científicas com recorte de gênero em nível nacional, enquanto esta pesquisa se debruça sobre as produções científicas com recorte de gênero e territorialidade, abrangendo o estado do Maranhão. Para este estudo, evoca-se o conceito de memoricídio feminino abordado por Raphaela Ferro e Valci Zuculoto (2023) em suas pesquisas sobre a radiofonia no Brasil, fundamentado na definição da doutora Contância Lima Duarte (2020) que abordou esse apagamento sistemático das mulheres nas mais diversas áreas. O menosprezo pelo feminino acompanha a história da humanidade, como estudou Francine Rocha Tavares (2023) em sua tese. A doutora explica como a percepção de algo como feminino reduz e transforma os valores atribuídos. Sua pesquisa abordou “O amor saudável e a mulher neoliberada” e refletiu sobre a emocionabilidade como característica – humana, diga-se de passagem - que subjuga as mulheres, pois a partir do momento em que a mulher passa a ser caracterizada como amorosa, os sentimentos até então valorizados pelo Romantismo são, agora, atribuições pejorativas, um pensamento disseminado ao longo dos séculos XIX e XX (Tavares, 2023), base de uma cultura androcêntrica. Essa crença de que mulheres eram incapazes de tratar de assuntos racionais reverbera até os dias de hoje no rádio esportivo brasileiro e, arrisco dizer, foi determinante para os relatos históricos masculinizados. Desde 1985, Ortriwano aponta lacunas na história do jornalismo esportivo no rádio e mesmo tanto tempo depois, ainda há escassez dessas pesquisas, sobretudo quando há um recorte de territorialidade no Maranhão. Abordar o rádio esportivo é, também, adentrar na história da popularização do futebol entre os brasileiros. O meio de comunicação foi fundamental para que a modalidade se tornasse “paixão nacional” (Gonçalves; Zuculoto,



2015). Enquanto no Brasil, a primeira transmissão de uma partida de futebol foi registrada em 1932, no Maranhão, esse pioneirismo veio oito anos mais tarde, em 1940, com a transmissão do clássico maranhense Sampaio Corrêa e Maranhão, veiculada na pioneira Rádio Timbira – à época, Rádio Difusora -, conforme relata o escritor Marcelo Barros (2022) em sua obra. Tal acontecimento é considerado o marco inicial do rádio esportivo no Maranhão. Cientificamente são poucas as referências históricas do rádio esportivo maranhense. Na verdade, a maior parte dessa história habita corpos vivos – masculinos – de quem participou dessa trajetória. A escassez de pesquisas que abordam o rádio esportivo no Maranhão foi percebida logo no início desta trajetória acadêmica e tornou-se ainda mais preocupante quando passei a buscar por referências com recorte de gênero. O Estado da Arte no qual se baseia este trabalho não encontrou resultados compatíveis com o objeto de estudo: produções científicas que abordem a participação feminina no rádio esportivo do Maranhão. Para compreender a dimensão da escassez desse tipo de pesquisa, é preciso entender o corpus analisado. Foram encontrados 1.968 trabalhos na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e nas edições nacionais e regionais do Alcar, Intercom, SBPJor e COMPÓS entre 2012 e 2014. De todo esse universo, nenhuma pesquisa abordou gênero no rádio esportivo maranhense. Dentre as 14 publicações encontradas que abordam o radiojornalismo esportivo brasileiro, nenhuma foi produzida por pesquisadores vinculados às instituições de ensino maranhenses. A escassez, portanto, se manifesta não apenas nos conteúdos científicos publicados, mas na falta de interesse dos pesquisadores maranhenses pela temática. Apesar do escopo analisado ter apresentado ausência de estudos sobre as mulheres no rádio esportivo maranhense, este trabalho sugere uma perspectiva de escassez, pois compreende que o corpus analisado não representa todas as pesquisas científicas realizadas, uma vez que a própria autora tem pesquisas sobre o tema publicadas em anais de eventos menores, porém, em um aspecto mais amplo, corrobora



o processo de memoricídio feminino que tem sido investigado por pesquisadores brasileiros. Scott (1995) fala categorizou o gênero para análise histórica, pois defende que o feminino e o masculino não se reduz ao sexo biológico, mas se constitui nas relações de poder que são estabelecidas e reverberadas historicamente. Apesar de triste, os resultados encontrados nesta pesquisa não são surpreendentes, ao meu ver, refletem um desinteresse que pode tanto ser motivado pela cristalização do rádio esportivo como espaço categoricamente masculino que afasta até mesmo pesquisadores, quanto pelo interesse androcentrico em manter a história exatamente como é, subjugando mulheres e enaltecendo homens. É fato que, no Brasil, o esforço coletivo pela revisão do relato histórico é formado, principalmente, por pesquisadoras, o que me lembra a assertiva de Simone de Beauvoir (2017): “Na indiferença não se pode escrever” (p. 159).

## REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo. *Um lugar de fala no ar – Oito décadas de história da Rádio Timbira*. 1. ed. São Luís: Clara Editora, 2022.

BEAUVOIR, Simone de. *Os mandarins*. Tradução de Hélio de Souza. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. 736 p. (Clássicos de ouro).

BETTI, Juliana Cristina Gobbi. Informação crítico-emancipatória com perspectiva de gênero: os direitos das mulheres em programas radiofônicos femininos. 2021. 324 f. Tese (Doutorado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021. Disponível em: [https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC\\_fa472a6a5014f728f182d5fc0b8271a6](https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UFSC_fa472a6a5014f728f182d5fc0b8271a6). Acesso em: 30 ago. 2025.

DUARTE, Constância Lima (org.). *Memorial do memoricídio: escritoras brasileiras esquecidas pela história*. Belo Horizonte: Luas Editora, 2022.

FERRO, Raphaela Xavier de Oliveira; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Narração de futebol por mulheres no rádio brasileiro: registros históricos de transmissões entre a década de 1970 e o início dos anos 2020. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana, v. 14, n. 1, p. 105–133, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/6832>. Acesso em: 23 abr. 2025.



GONÇALVES, Juliana; ZUCULOTO, Valci Regina Mousquer. Registros históricos para pensar um rádio esportivo pós-industrial. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 10., 2015, Porto Alegre. *Anais* [...]. Porto Alegre: UFRGS; ALCAR, 2015. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015>. Acesso em: 25 set. 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTOS, Ediane. A trajetória das profissionais mulheres no radiojornalismo esportivo em Santa Catarina. 2019. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. São Paulo: Summus, 1985.

PORTILHO, Ananda Kallyne Muniz; BRITO, Nayane Cristina Rodrigues de. Presença feminina no rádio esportivo brasileiro: um mapeamento científico (2012–2024). *Revista Mediação*, Belo Horizonte, v. 27, n. 38, p. 128-142, jan./jun. 2025. Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71–99, 1995.

TAVARES, Francine da Rocha. O amor saudável e a invenção midiática da mulher neoliberada. 2021. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.